



A SENHORA
DO FIM DO MUNDO

– capítulo v –

O sol já se punha quando Zero resolveu se mobilizar mais uma vez. Passou um bom tempo às margens do rio desde que permitiu que Yertha fosse embora, e não se arrependeu nem um pouco do tempo gasto ali. Apesar da certa pressa que tinha, sabia que era apenas uma ansiedade incômoda que por vezes assolava sua mente.

Além disso, não era com o tempo que ela deveria se preocupar, mas sim com a boa vontade dos gigantes de continuarem sua participação no teatro que Odin chamou de “trégua”.

Claro, Odin poderia ir a qualquer momento até as Nornas e perguntar sobre o futuro da paz, todavia elas falariam de formas tão profetizadas que a guerra retornaria antes que se descobrisse o significado de suas falas.

A Valquíria conhecia bem a capacidade de destruição de seus inimigos. Os danos que eles causaram em *Alfheim* foram sem precedentes, e por pouco o mundo dos elfos não foi aniquilado. Agora *Alfheim* passa por uma reconstrução, enquanto *Jotunheim* festeja. Aquilo fazia com que sangue subisse à cabeça de Zero.

Portanto aquele era o momento de agir, e como primeiro passo, iria desarmar os gigantes. Desarmá-los de poderes que nem mesmo eles sabem que possuem, para então, destruí-los com as suas armas carregadas pelas mãos da ignorância de sua raça. Tal pensamento divertia Zero. Até demais.

Seguia com calma pela estrada de terra, rodeada por uma extensa floresta de um verde escuro e sombrio. Vez ou outra, alguns animais como veados e esquilos cruzavam a estrada, mas era só aquilo que aparecia no campo de visão da Valquíria.

Os pássaros paravam de cantar aos poucos. Preparavam-se para se aninhar e fechar mais um dia de árdua cantoria. Logo, a estrada caiu na mais plena quietude, com apenas o farfalhar das folhas produzindo alguma espécie de som.

Ouviu o uivo distante de um lobo quando a lua subiu aos céus. Erk trotava calmamente, enquanto Zero observava com atenção as estrelas. *Ela se meterá em problemas*, pensou a valquíria, encarando o céu estrelado. Ficou surpresa por ainda acabar pensando na ruiva. Na verdade, começou a se preocupar com a mulher, afinal precisava dela, e sabia que seu orgulho não deveria vencer suas prioridades.

No entanto, Yertha, apesar de ser uma habilidosa guerreira, não possuía o conhecimento em relação aos perigos entre mundos, e se Zero não a encontrasse logo, com certeza perderia uma valiosa peça de seu plano.

Silenciosa andava por lugares inexplorados por ela: o *Zwischen Welten*. Cada um dos Nove Mundos possuía sua própria fauna e flora. E é no espaço entre mundos, nas estradas que ligam cada um deles, onde existe o encontro entre todas as variedades existentes de criaturas. A ruiva era acostumada com lobos pequenos e ursos, não com grifos e ogros.

Zero permaneceu cavalgando pela estrada, o silêncio a acompanhava. Entretanto ele a deixou quando sons de cascos de cavalo surgiram, aumentando a intensidade a medida em que se aproximavam.

Puxou as rédeas de Erk, forçando-o a parar. Voltou o olhar para o horizonte e esperou o que quer que estivesse vindo em velocidade. Veloz como uma flecha, uma égua castanha, sem cavaleiro, corria em direção a Valquíria. Atrás dela, mais dois outros negros garanhões, com cavaleiros montados.

O corcel escuro de Zero relinchou e bateu com os cascos dianteiros no chão. A Valquíria acariciou sua crina e desembainhou a espada. A luz da lua dançava na lâmina negra, a qual possuía inscrições que se acenderam num brilho vermelho-sangue. Bateu com os calcanhares no corcel e rugiu. O cavalo avançou com ímpeto em direção aos dois perseguidores da égua.

No exato momento em que perceberam Zero avançar impiedosamente contra eles, sacaram suas espadas; ou ao menos foi o que tentaram fazer.

A *Valquíria do Infinito* passou pela égua como um raio. Estendeu o braço esquerdo – o qual carregava a espada – para a direita, preparando um golpe horizontal. Os cavaleiros continuaram reto, contudo, ao perceber que a Valquíria se preparava para um ataque, o guerreiro da direita desviou o percurso do cavalo para longe.

O soldado da esquerda não fez o mesmo. Estava ocupado demais tentando puxar a espada que ficou emperrada na bainha. Quando enfim pareceu ter conseguido, Zero o atacou com força, rasgando seu peitoral num corte feio e mortal.

A Valquíria puxou as rédeas de Erk, obrigando-o a fazer a volta. O segundo soldado voltava com velocidade, dessa vez seguro de que acertaria um golpe na adversária.

Zero avançou sem pestanejar. Em seguida, agarrou a espada pela lâmina, mirou e esperou. Quando o guerreiro se aproximou o suficiente, a mulher arremessou a espada, acertando com violência o peito do soldado. Derrubou-o do cavalo de forma horrenda.

Freou o corcel e desmontou. Seguiu até o homem caído, agarrado à sua espada e apontando para a valquíria. Olhava espantado, mal sabia o que havia acontecido.

— Onde você encontrou aquela égua? — Zero questionou enquanto recolhia sua espada. Bateu na lâmina do soldado, desarmando-o. Depois, limpou sua arma no gibão surrado do homem. Fitou-o de forma agressiva e embainhou a espada. — É de sua suma importância que me responda com bastante rapidez, pois não gosto de esperar.

— Eu digo, eu digo! — o homem exclamou, balançando suas mãos com vivacidade e medo. — Uma mulher, ruiva. A égua castanha era dela. Ela amarrou num tronco próximo a taverna, mas nosso vilarejo é perigoso e...

— Lobos atacaram. Alguém soltou a égua para que não fosse devorada ou ela apenas teve muita sorte — interrompeu-o num tom calmo e se agachou ao lado do guerreiro. Tinha um rosto quadrado e castigado pelo tempo, barbudo. — A mulher, o que aconteceu com ela?

— Eu não sei — gaguejou. Olhava para os lados, procurando uma forma de escapar. — Eu estava do lado de fora, com meu amigo, aquele que você assassinou — apontou para o outro cavaleiro, com o corte no peito e coberto de sangue. — Ouvimos os uivos, pegamos nossos cavalos e demos no pé. No meio do caminho encontramos a égua, mas quando chegamos perto ela correu. Então resolvemos ir atrás dela, afinal se conseguíssemos recuperar a montaria da ruiva, ela teria de nos recompensar.

Ficaram em silêncio por um breve momento. Erk relinchou impaciente, mas logo se acalmou quando a égua castanha de Yertha apareceu. Ambos os cavalos se rodearam, como se estivessem se reconhecendo. Zero se ergueu.

— Diga-me onde é essa vila.

— Sim — o homem tentou se levantar, contudo a Valquíria o impediu, acertando-o com um chute. Resolveu respondê-la sentado depois da tentativa frustrada. — Basta continuar seguindo pela estrada na mesma direção que a senhora estava indo.

— Obrigada pela informação — sorriu e montou no cavalo. *Ao menos não me desviarei muito do caminho para Niflheim.* — Pode seguir seu rumo. E faça-nos o favor de queimar o corpo do seu colega. Não queremos que algum *draugr* ou outras criaturas impertinentes apareçam por aqui.

— Claro... — murmurou em resposta. — Farei sim.

Bateu as rédeas e incitou Erk a seguir caminho. Sentia-se bem. Afinal, uma jornada sempre termina bem quando se começa com uma morte e boa informação.

Levou apenas quinze minutos para chegar no tal vilarejo. Barracos feitos de barro e tetos de palha espalhavam-se por todo o território onde não existia árvores para atrapalhar a construção. Algumas casas eram rodeadas por cercas feitas de gravetos, outras não possuíam o luxo de estarem rodeadas por algo a não ser o fedor de urina, sangue e terra molhada, não só de chuva, mas das duas outras coisas citadas anteriormente.

Durante o caminho até o vilarejo, Zero pensou em simplesmente deixar Yertha para trás e seguir caminho direto para seus objetivos. Todavia, seus planos necessitavam da mulher, e se não a tivesse, precisaria começar tudo de novo.

“Só existem duas coisas em que é melhor estar sozinho para serem feitas: caçar e governar.” Esse era um pensamento criado por ela mesma depois de suas experiências vividas. Nunca conheceu uma valquíria que caçasse em grupo de forma eficaz, da mesma forma nunca viu dois ou mais governantes reinando um só reino e prosperar. Foi seguindo esse pensamento que ela se pôs a galope em direção ao vilarejo.

Agora estava no que parecia ser a entrada do lugar. Uma imitação fajuta do que deveria ser um portão jazia caída, destrocada. Entrou, vasculhando com o olhar por alguma coisa que pudesse remeter a uma taverna. Não demorou muito. Encontrou um barraco com uma plaqueta pendurada em cima da porta

de madeira podre. Na plaqueta, uma caneca de cerveja estava gravada de uma forma muito malfeita. Com certeza havia sido desenhada por um bêbado maneta.

Dirigiu-se até lá. Não existia qualquer sinal de alguma coisa viva pela vila. Tudo que conseguia ver eram corpos destroçados pelos tais lobos que invadiram o lugar. A grande maioria era humana, alguns eram elfos negros, e alguns poucos eram anões. *Um local diversificado.*

De fato, era assim que a maioria, senão todas as pequenas localidades entre mundos, eram constituídas, afinal tais locais serviam como refúgio devido à guerra que assolava todos os Nove Mundos sem distinção.

Entretanto, por ser um aglomerado de refugiados, na sua maioria miserável, muitas são as vezes em que ataques de criaturas perigosas, como lobos e trolls, acabam destruindo suas vidas. *Tudo que pensam é em guerrear, enquanto o povo sofre em demasia,* refletia Zero enquanto seguia até a taverna.

E era por isso que seguia na jornada. Precisava dar um fim no sofrimento de todos, principalmente dos mais necessitados como aquelas pobres vítimas do vilarejo. E só conseguiria alcançar isso quando os gigantes fossem destroçados como insetos.

Quando Zero se aproximou o suficiente do casebre, conseguiu ouvir um grunhido. Definitivamente um lobo, machucado ou que acabara de morrer. Segurou no cabo da espada e empurrou a porta velha com cuidado.

Viu um lobo. Morto por um corte que se estendia por toda sua barriga, profundo. Entrou no local. Identificou mais um corpo de canídeo em cima de uma mesinha de madeira velha, onde estava um velho debruçado, seu braço na boca do animal. Conseguiu contar mais seis lobos, todos mortos, dilacerados, mutilados e rasgados.

Sentada em frente ao balcão empoeirado, estava Yertha, bebendo um pouco de cerveja. Sua espada apoiada no balcão, completamente suja de sangue, assim como sua portadora. A ruiva apoiava os pés em um cadáver lupino, como se fosse uma almofada sangrenta.

Encheu um outro caneco além do seu e estendeu até a Valquíria:

— O que veio fazer aqui? — questionou. Cheirava a cerveja, suor e sangue. — Pensei que não precisava de mim.

Não respondeu. Fitou Yertha e sentou ao seu lado. Bebeu um pouco da cerveja. Tinha gosto de sangue. E barro.

— Eu devia ter tentado fugir de você bem antes. Procurar minha casa, minha família... — mordeu os lábios. Esboçou uma risada. — Que casa, não é? Minha família está morta. Agora sou apenas uma alma qualquer do exército de Odin, fadada a lutar uma batalha idiota por ele.

— Percebe-se que você é uma das poucas pessoas em *Midgard* que não nutre sentimentos bondosos em relação ao velhote — bebeu mais um gole, nunca deixando de encarar a mulher. — Qual o motivo para tamanho descontentamento?

Yertha bufou e finalizou o copo de cerveja. Só então começou a falar, observando uma garrafa de vinho vagabunda.

— E você ainda pergunta? Pensei que por ser uma valquíria tão importante e poderosa, saberia das coisas horríveis que acontecem por todos os lados, as quais Odin nada faz para consertar — encheu a caneca mais uma vez. Bebeu tudo de uma vez só e continuou. — Um deus que ignora as súplicas dos mais fracos não é bom. Não merece nossa confiança, nossa simpatia.

Voltaram a ficar em silêncio. Yertha possuía a razão em suas palavras. Já era de conhecimento de todos que Odin esquecera de ajudar os outros e se concentrara apenas em reunir um exército e esperar pelo *Ragnarök*. Tal fato deixava Zero furiosa.

— Vejo que acertei em tê-la recebido em Valhalla — levantou-se, colocando a mão no ombro da ruiva. — Também percebo agora que valeu a pena ter lhe perseguido até aqui. Você não possui o que a grande maioria dos outros guerreiros possuem: medo do Pai de Todos.

— Perseguiu-me apenas por isso? Gastou seu tempo à toa então, pois eu tenho muito medo do que aquele deus caolho pode fazer. Contudo, não concordo com a maneira dele de reinar — Yertha balançou o ombro para se desvencilhar da Valquíria. — Agora deixe-me aqui, quero terminar de beber toda essa maldita taverna.

— É exatamente por isso que você será uma ajuda mais do que bem-vinda — começou o discurso, se referindo ao fato de Yertha não concordar com os métodos de Odin. — Pense um pouco. Você prefere ficar aqui se embebedando até desmaiar para depois ser devorada por um lobo ou necrófago faminto, ou deseja mudar a situação em que a guerra se encontra? — Virou as costas e seguiu em direção a saída. — Não responda. Não desejo ouvir qualquer coisa. Caso escolha a segunda opção, basta me seguir. Sua égua está lá fora a esperando.

— Eu quero vingança, valquíria — respondeu subitamente, batendo com o caneco no balcão. — É tão difícil entender isso?! Raios! Aqueles malditos invadiram minha casa, mataram minha família... e eu?! Tive a “sorte” de ir para Valhalla — disse com escárnio em sua voz.

— Finalmente — Zero esboçou um sorriso. — Estava esperando pelo momento em que você mostraria o seu verdadeiro desejo. Eu sabia que você não era uma simples coitada que choraria pelos cantos. Você é uma guerreira que foi traída pelos deuses e pelo destino.

— Danem-se todos, Zero. Eu quero que todos vocês se fodam! — arremessou o copo contra a Valquíria, a qual desviou tranquilamente. — Traída pelos deuses? Como posso ser traída por seres que não dão a mínima para mim?! Usam nosso povo como peças num jogo doentio. Treinam-nos para sermos máquinas de matar, sem remorso por outras raças!

A ruiva bufava de raiva. Apoiou os cotovelos no balcão e levou as mãos ao rosto.

— Tudo isso por um recomeço que duvido que sequer existe... — soluçou por um segundo. — Por que tudo isso não acaba?

— Porque Odin se recusa a perceber a verdade — respondeu num tom sério e firme. — Sendo assim, preciso agir nas sombras, sozinha, na esperança de finalmente livrar o cosmo da podridão que abala os pilares da vida. Yertha, não consegue ver que a sua raiva a leva para o mesmo objetivo? Queremos que todos vivam bem, e sabemos que os deuses nada fazem. Preferem festejar e brincar de heróis. Querem ser adorados por todos sem sequer merecer tal adoração. E pelo visto somos as únicas aqui que temos consciência disso.

— Responda-me apenas uma coisa — disse Yertha, agarrando o cinto da espada que estava apoiado no balcão. — Quantos deuses você pretende enfurecer?

— De preferência todos.

— Espero que essa merda toda valha a pena, Zero — levantou-se e foi até a Valquíria. — Pois juro que preferia ter morrido naquele dia a vir tão longe numa segunda vida.

— Rastros de cavalos — disse Hugin. Estava agachado analisando as marcas que os cavalos haviam deixado na estrada. — Entretanto isso não nos diz absolutamente nada.

Munin permanecia em pé, logo atrás de seu irmão.

— Na verdade diz sim: que cavalos passaram por aqui.

— É claro, seu imbecil! — Ergueu-se num pulo e plantou a mão na cabeça de Munin, quem xingou de dor. — Eu juro que algum dia, vou implorar para o Pai te prender nas masmorras. Talvez assim fique um pouco mais inteligente e menos engraçadinho.

— Larga de ser o sabichão, Hugin. Enquanto você fica com essa cara de “senhor das trevas”, eu me divirto da forma que dá — retrucou enquanto alisava a cabeça. — A gente devia era continuar nessa trilha, afinal é a única que vai em direção a *Niflheim*.

— Mas se errarmos, elas conseguirão fugir.

Do escuro denso da floresta ao seu redor, Skögul apareceu. Seus cabelos brancos estavam amarrados num rabo de cavalo. Envergava sua armadura escamada de prata, com um olho negro gravado no peitoral. Carregava duas espadas em sua cintura e um arco nas costas.

A valquíria cega viajava com os irmãos rastreadores a mando de Odin, como uma precaução caso Zero não cooperasse. O Pai de Todos teria mandado Siegrifia, mas a *Incitadora* estava ocupada em sua nova função.

Apesar de tudo, Skögul agradeceu por ter sido a responsável por tal missão. Ela saberia conversar antes de pensar em atacar sua irmã, embora não soubesse se Zero realmente pensaria em dialogar antes de qualquer outra coisa. A *Incitadora*, por outro lado, tentaria trazer a *Valquíria do Infinito* a força, o que provavelmente não acabaria bem para nenhum dos lados.

A valquíria foi até os rastreadores, tão devagar que Muninn bocejou à sua espera. Seu irmão deu-lhe um tapa, advertindo a evitar brincadeiras com a mulher.

— Elas não fugirão. Só demoraremos mais para alcançá-las — respondeu a valquíria quando chegou ao lado dos dois homens de negro. — Temos tempo, não tema. Agora, se não for pedir muito, gostaria que vocês fossem na frente e dessem uma observada no que nos espera.

— Acredita que possa ter algum problema à frente? — Hugin perguntou, sério.
— Você não pediu nenhuma vez para que fizéssemos isso antes.

— Já faz algum tempo, mas ouvi gritos, uivos, cascos de cavalos e o som do metal. Alguma batalha se iniciou mais a frente, quero saber se acabou ou ainda há perigos à espreita.

— Faremos isso então — assentiu com a cabeça. — Apenas espero que a senhora esteja certa em relação a senhora Zero.

Munin correu e desenhou um círculo no ar, sem sequer esperar o irmão. Em seguida, pulou, e após um brilho o envolver por completo, transformou-se num corvo. Voou ao redor dos seus companheiros de viagem.

— É impossível o palpite estar errado. A não ser que a Zero aprendeu a se transformar num monstro voador. Aí a gente estaria bem ferrado — quis dar uma risada, mas tudo o que saiu de seu bico foi um crocitar horrendo. — Vamos logo, irmão, o que temos a perder?

— As nossas cabeças, Munin. Pelos deuses, como pode você ser meu gêmeo?
— Resmungou Hugin. Logo depois, também se transformou num corvo. — Tudo bem, faremos o que a senhora Skögl pediu, e torçamos para nada dar muito errado.

— Isso aí! Espera, temos que torcer para nada dar errado.

— Se estamos aqui, significa que já aconteceu alguma merda — retrucou Hugin, enquanto voavam para longe.

A valquíria cega também continuou, mas no seu próprio ritmo.

O vento soprava vindo do leste, com força. Os cabelos loiros da Valquíria fluíam majestosamente atrás de si, como se fios de ouro voassem pelos ares.

Estava montada em Erk, que galopava veloz contra o vento. Yertha seguia logo atrás em sua égua. A mulher não dissera nada desde que voltou à companhia de Zero. Tampouco a Valquíria tentou iniciar alguma conversa. O silêncio a agradava, e era isso que importava.

Antes de saírem do vilarejo, queimaram os cadáveres que enfeitavam o chão e as pequenas estradas do lugar. Não queriam infestar o local com necrófagos e assim tirar qualquer chance de reerguer o vilarejo. Além de tudo isso, pegaram a carne dos lobos que Yertha assassinou, seria útil durante a viagem.

Agora seguiam floresta adentro. A lua já era rainha dos céus há muito e isso dificultava a travessia. Zero precisava se preocupar com todos os perigos à espreita, desde goblins inofensivos a trolls sedentos por carne.

Árvores altas e largas compunham a densa e escura floresta. Grilos gritavam, irritantes, quebrando o saboroso silêncio, muito apreciado pela Valquíria. Algumas pedras apareciam no caminho. Outras vezes, eram galhos velhos e caídos.

Em determinado momento da jornada, encontraram um rio. Zero resolveu parar ali para que os cavalos descansassem. Aprendera a gostar de Erk, mas ter que esperar o cavalo descansar lhe fazia desejar por uma montaria incansável como a de Odin, o corcel Sleipnir.

A Valquíria quase conseguiu montar no poderoso corcel negro de oito patas do Pai de Todos. Obviamente foi escondida, mas o próprio cavalo a revelou quando a acertou com um coice, fazendo-a voar pelo salão onde estava. Sentiu uma dor imensa por bastante tempo, mas se pudesse repetir a tentativa, o faria sem pensar duas vezes.

Yertha permanecia encostada em uma árvore próxima ao rio, sentada. Brincava, embora com uma feição emburrada, com alguns gravetos que gostaria de ter usado para acender uma fogueira, mas fora proibida por Zero.

A Valquíria não queria chamar atenção, não quando estava tudo tão calmo e silencioso. Além do mais, acender uma fogueira deixaria rastros, mesmo que limpassem as cinzas deixadas antes de irem. O cheiro de brasa infestaria o lugar por um bom tempo, principalmente para seres com um olfato aguçado, os quais Zero sabia que estavam à sua caça.

Odin à essa altura já sabe para onde estou indo. Com certeza enviou os melhores rastreadores que possui para me procurar, refletia Zero, observando as águas turvas do rio.

— No que tanto pensa? — Yertha perguntou com um tom que fingia desinteresse.

— Está interessada mesmo no que penso, ou isso é apenas uma distração para que consiga fugir mais tarde? — indagou. — Não precisa brincar de joguinhos mentais comigo. Sabe que se quiser, você pode ir embora. Não ficarei no caminho.

— Ainda está ressentida por eu ter ido embora? Não sabia que a poderosa Valquíria do Infinito possuía sentimentos — esboçou um sorriso.

— Não estou ressentida. Só não gosto de imprevistos em meus planos — observava com atenção Erk beber a água do rio.

— Você não gosta de muita coisa.

— Já você é humana, se apega a coisas demais.

— E você também não foi humana? — questionou. — Lembro que o senhor Heimdall falou algo de você ter vindo de Midgard.

— Isso importa para você?

— Claro que sim. Você não pode usar como argumento o fato de eu ser humana para falar mal das coisas que eu faço quando você mesma é minimamente humana — explicou Yertha.

— Posso, pois já não sou mais humana. E mesmo que eu fosse, posso lhe dizer que nunca me apeguei a nada — pareceu se entristecer por um momento. — Já você, continua apegada com tudo de sua vida anterior.

— Amar a minha família é ser apegada a coisas demais? — respondeu com uma retórica. — Você já amou, Zero? Teve uma família? Você sabe o que é tudo isso?

— Amor é o maior apego. Amar é se apegar demais. — Encarou Yertha com seus olhos esmeralda. — No entanto, não julgo quem ama. Pelo contrário, creio que amar também possa ser a maior qualidade que um ser vivo possa ter.

Erk parou de beber água, virou a cabeça para Zero e relinchou baixinho. A Valquíria sorriu para o corcel e continuou:

— Todavia, nem todos possuem o luxo de ter essa qualidade. Existem aqueles que necessariamente não devem amar, pois o apego os impede de concluir seus deveres, suas ambições.

— E você acha que é um desses seres?

— Não há espaço para apego no que eu quero fazer. Não há espaço para arrependimentos, ou qualquer outra coisa que venha a me desviar do meu caminho, do destino que eu mesma estou a criar e trilhar — suspirou e parou por um instante. — Então sim, sou uma desses seres.

— O que tanto a aflige a ponto de não poder ser... feliz?

— O cosmo me aflige, Yertha. — Olhou para o céu, mas só enxergou a copa das árvores que preenchiam a visão. — E se você visse e vivesse tudo que eu vi, o cosmo a afligiria também.

Caminhavam pela floresta, puxando suas montarias pelas rédeas. Depois de ter ponderado por bastante tempo, Zero percebeu que era melhor atravessar o labirinto de árvores, pedras e galhos a pé. Tal medida servia para poupar os cavalos, além de que assim conseguiria ter uma liberdade maior de resposta caso ocorresse um ataque.

Yertha caminhava ao seu lado, cantando uma canção:

Na hora em que acordar

E no momento em que dormir

Pense no que te disse

Senão jamais voltarás a sorrir

A ruiva não parou por quase nenhum momento durante a caminhada pela floresta. Quando questionada por Zero, ateve-se a dizer que aquilo era sua vingança por não ter podido acender a fogueira. Agora a Valquíria precisava ouvir a cantoria sem fim da mulher.

O sol começara a nascer, seus raios atravessando por entre as folhas. Os pássaros começavam a sair para mais um dia, cantando suas belas canções, muito melhores do que as que Yertha teimava em recitar:

A noite é fria como a neve

O dia é quente como o fogo

Eu olho para você

E apenas sinto nojo

Zero estava muito perto de socar a mulher, mas não o fez. Preferiu seguir em silêncio.

A cada nova canção ridícula que Yertha cantarolava, o corcel negro da Valquíria relinchava, irritado. Nem mesmo a égua parecia aguentar muito mais daquilo, pois balançava a cabeça constantemente, puxando a ruiva na esperança de chamar sua atenção.

Passaram por mais outro pequeno rio, dessa vez o ignorando por completo. Seguiram por mais uns bons quilômetros, e após parecer que Yertha esgotara seu repertório musical, Zero resolveu iniciar uma conversa:

— Percebe-se que você é uma conhecedora das canções de *Midgard*. Pena não ter uma voz tão boa quanto sua habilidade com a espada. Diga-me de onde aprendeu todas essas coisas ridículas.

— Bem — começou, enquanto puxava a égua, a qual resolvera resistir. — Todas as pessoas lá aprendem essas canções. Quer dizer, não *todas* as que cantei, claro. Você nunca aprendeu nenhuma?

— Não — pigarreou. — Tudo que conheci foram correntes e o peso da dor sobre meus ombros.

Yertha sentindo as más energias que a conversa estava gerando, tentou amenizar a situação.

— Tive a sorte de ser afortunada em morar em uma casa de poetas e bardos antes de conhecer meu marido.

Zero fez uma careta, confusa.

— Poetas e bardos? E de onde vem sua maestria na espada? — Questionou a Valquíria. — Obviamente você não aprendeu a manejá-las ouvindo alguma canção.

Subiam um monte, um pouco íngreme, onde pequenas flores negras cresciam como num campo. Junto às flores, mato alto começava a surgir, enquanto as árvores passavam a ficar mais dispersas. Estavam finalmente saindo da entediante floresta.

Yertha soltou uma risadinha.

— Não, claro que não — passava trabalho para fazer com que sua montaria subisse o monte. A égua castanha parecia estar assustada com alguma coisa. Percebeu que Zero já estava muito à frente, e só depois de xingar o cavalo, conseguiu continuar. — Mas aprendi com os próprios bardos e poetas. Sabe, quando se cria uma poesia, uma balada ou coisa do gênero, você está sujeito à ira de quem a sua obra foi baseada, pelo menos dependendo de seu teor.

— Creio que esses seus amigos artistas criavam bastante conteúdo difamatório em relação aos seus reis e deuses para terem a necessidade de se defender — concluiu Zero, num tom relaxado. — E defender-se com espadas ao invés de palavras.

— Eles realmente não nutriam amor pelos deuses. Muitas pessoas em *Midgard* não sentem mais a mesma confiança neles — revelou Yertha. Puxava a montaria com cuidado, acariciando sua crina para acalmá-la. — Esses meus amigos então resolveram dizer que os deuses não existem. Alguns começaram a criar baladas em que contam a história de um homem, o qual tem uma visão de que existe apenas um deus que nem se importa conosco.

— Erro grotesco por parte deles — meneou com a cabeça. — Os reis e fanáticos começaram a caçá-los?

Silenciosa deu uma fungadela.

— Fizeram muito pior. Trataram-nos como se fossem monstros. Caçavam-nos em quaisquer vilarejos em que aparecessem, os metiam em fogueiras para que queimassem como se fossem bruxas — contava aquilo com fervor. Zero sentia a raiva que Yertha exalava, quase podia apalpar sua sede por sangue. — Mataram

quase todos. Se eu não tivesse conhecido Devar anos antes, provavelmente teria sido vítima das tais punições divinas.

Tinham acabado de subir o monte, finalmente deixando a floresta para trás. O vento chegava-lhes às costas, frio e intenso.

— Quase todos — retomou o assunto. — Quer dizer que alguns bardos e poetas sobreviveram à ira dos fanáticos.

Yertha assentiu com a cabeça.

— Um pouco antes de ter sido *forçada* a me juntar a você, fiquei sabendo que dois conhecidos meus se atreveram a cruzar o mar — a ruiva explicava, fazendo movimentos com as mãos como se fossem embarcações velejando sobre as ondas. — Não se teve mais nenhuma notícia sobre eles.

— É claro que não. Jormungandr deve tê-los devorado durante a tentativa de atravessar seus domínios — respondeu Zero, montando no seu corcel. — Homens corajosos, embora tolos.

— Tolos? Eles morreriam de qualquer jeito se caso permanecessem onde estavam. Preferiram tentar a sorte do que morrer como animais — montou no cavalo.

— Fugiram do combate para morrerem sozinhos no fundo do mar — retrucou a Valquíria, com rispidez. — Foi isso que fizeram.

Yertha não replicou. Fitou Zero por alguns segundos e quando se satisfez, saiu a galope. A Valquíria fez o mesmo.

Estavam numa imensa campina. O sol queimava, parecia furioso como *Silenciosa*, mas o vento amenizava a sensação de calor.

Bem ao norte, quase imperceptíveis, Zero conseguia ver algumas montanhas, com seus picos nevados. Pensou por um momento ser *Niflheim*, no entanto lembrou que ainda nem haviam atravessado o Portão de *Midgard*.

Seguiam para oeste, onde a campina começava a sofrer uma depressão. As árvores ficavam cada vez mais esparsas e os matos altos e floridos começavam a dar espaço para plantas mais baixas e litorâneas.

Após terminarem a descida, deram de cara com o infindável mar azul escuro, com suas ondas empurrando e puxando o que encontrassem na praia, de forma violenta e inconstante.

Trotavam pela praia, sem falar nada. Ouviam o som das ondas quebrando na costa ao norte, onde rochas cobertas de musgo erguiam-se no caminho, irregulares, tanto à altura do mar quanto acima, num extenso paredão.

Ao sul a praia continuava, quase sem fim, percorrendo um arco. Algumas nuvens carregadas, cinzentas, pareciam estar se aproximando daquela direção. Caso demorassem demais por ali, com certeza seriam pegas por uma tempestade.

Uma subida as esperava. O caminho era estreito, molhado e traiçoeiro devido ao musgo. As montarias reclamavam por ter de seguir por ali, mas no fim prosseguiram. Erk vacilou por um instante e escorregou, contudo, o reflexo rápido e a sua determinação em não morrer o deu forças para se reafirmar no perigoso trecho.

Ambas as mulheres frearam seus cavalos quando chegaram em frente às rochas. Parecia ser o fim da linha, que teriam que seguir para o sul ou retornar para os campos onde estavam. Contudo, tais pedras eram apenas fachada, tudo para enganar viajantes desavisados.

Sabendo disso, Zero desmontou de Erk, desembainhou a espada e cravou-a numa pequena rocha por ali. A terra tremeu. A areia sob seus pés começou a se agitar. As ondas tornaram-se mais violentas, chegavam a envolver as patas dos cavalos, que relinchavam e batiam com os cascos na água, que ia e vinha.

Yertha observava em silêncio, de olhos esbugalhados. Não conseguia entender o que acontecia. Viu os grãos de areia começarem a flutuar como poeira e serem soprados como dentes-de-leão. Balançou a cabeça, desmontou da égua e foi até a Valquíria.

Zero permanecia imóvel, sentada sobre seus pés e com os dedos entrelaçados, como se meditasse. Seus cabelos dourados flutuavam como os grãos de areia, para cima, parecidos com tentáculos. Uma aura púrpura e escura exalava da mulher.

Erk saracoteou-se, bufou e relinchou mais uma vez. Rabeava, irrequieto. O mesmo fazia a garrana de Yertha, se não mais inquieta que o corcel.

De súbito, as pedras começaram a se despedaçarem, uma a uma, pedaço por pedaço. A lâmina negra da Valquíria tremelicava com frequência na rocha em que estava fincada. Diferente de sua espada, Zero era como uma estátua, embora seus cabelos esvoaçassem como se estivessem loucos.

Tremores maiores. Rochas sumindo. Inquietação e bufadas. Ondas, altas, violentas, quebrando-se contra a costa. Nem mesmo Yertha conseguia se manter

calma com o que acontecia ali. Jamais vira algo do gênero. Sua mestra não lhe avisou de nada e aquilo apavorava-a um pouco.

No lugar das enormes pedras, um altar aparecia, montado com as lascas que saíam voando devido a energia sobrenatural que exalava da *Valquíria do Infinito*. Quanto mais próximo o altar parecia estar de sua completude, menores os tremores.

A energia cessou. A espada negra da Valquíria voou para o alto, tão longe que Yertha não conseguiu encontrar a lâmina nos céus. Zero, ainda sentada, desenhou à sua frente, um símbolo desconhecido para a ruiva. Depois, se levantou, estalou o pescoço e os dedos.

Apesar dos tremores terem passado, dos grãos de areia pararem de flutuar, e das ondas se acalmarem, Erk continuava agitado, bufando e olhando para o mar. Batia com força o casco no chão de pedra e areia, como se estivesse aflito, nervoso. Zero não dava importância àquilo, enquanto a ruiva tentava acalmar as montarias.

Em frente às duas guerreiras, um altar feito das mesmas pedras que outrora jaziam ali erguia-se, alto. Uma gigantesca bacia de ouro estava sobre ele, vazia. Pedras preciosas como esmeraldas e rubis agarravam-se ao lado de fora da bacia, onde o desenho de uma serpente estava gravado.

Subiram no altar. Yertha sempre seguia atrás da Valquíria, procurando entender do que se tratava. Soube o que era aquele lugar no instante em que fitou a serpente gravada na bacia: Jormungandr.

Aos poucos as nuvens cinzentas e tenebrosas vindas do sul começavam a chegar, bloqueando os raios solares. E logo as gotas começaram a cair, finas e poucas, mas frias. Junto ao chuveiro, iniciaram-se os trovões, que estrondaram e deixaram as montarias ainda mais inquietas que antes.

Veio um estrondo. Yertha tremeu devido ao susto. O raio parecia estar tão próximo, quase ao seu lado. Lembrou por um instante de Bore, seu filho, que ficava nervoso quando os trovões rasgavam os céus com seus sons aterrorizantes. Fechou o punho com força, enraivecida. Seu filho se foi, e queria vingança. Zero a encarou, voltando a atenção para a bacia dourada em seguida, a qual se enchia com água lentamente.

A Valquíria suspirou, curvou-se, e pegou uma adaga que ficava presa à sua bota. Estendeu a direita para a bacia e com a mão esquerda, utilizou a adaga para

fazer um corte, profundo. Sangue escorria para dentro do recipiente, misturando-se com a água da chuva. Apontou a faca para *Silenciosa*.

— Corte — disse — caso contrário, Jormungandr não deixará você atravessar o portão.

A ruiva assentiu e tomou a adaga das mãos de Zero. Fez o mesmo que a loira. Cortou sua mão e despejou o seu sangue no local necessário.

A chuva começava a engrossar; os raios ficavam mais constantes e intensos; as ondas, mais altas e furiosas. Seriam sinais de que o ritual estava fazendo algum efeito? A ruiva não saberia dizer. Também não perguntou para sua companheira. Apenas esperou o próximo passo.

Zero meteu as mãos dentro do recipiente dourado. Em seguida, passou a fazer movimentos circulares, suas mãos sempre submersas na mistura de sangue e água.

— Serpente predadora do mar, guardiã do Portão Sagrado de *Midgard* — começou a bradar, sua voz era engolida pelo estrondar dos trovões vez ou outra. — Aceitai nossos sacrifícios de sangue. Apareça para nós e mostre-nos o caminho!

Olhou para Yertha e apontou com os olhos que deveria fazer o mesmo. A terra começou a tremer novamente. Dessa vez, rachaduras abriam-se sob seus pés. Runas mágicas, brilhantes como o sol apareceram no paredão atrás do altar após as palavras da Valquíria. Estavam escritas numa língua desconhecida para *Silenciosa*. Não gostava de não saber de nada, e tal coisa parecia estar acontecendo com bastante frequência.

A *Valquíria do Infinito* fitou as runas, depois passou a olhar para o céu, escuro de um cinza feio e mórbido. A chuva caía e escorria pelo seu rosto com delicadeza.

— Banhar-me-ei em meu sangue para que vejas o quão puro e poderoso ele é! — encheu as mãos com o conteúdo da bacia e jogou-o no rosto. Sangue e água escoavam de seu rosto, agora vermelho rubro. Yertha fez o mesmo. — Ouça o meu chamado, ó Jormungandr.

As runas pararam de brilhar, mas os tremores continuavam, incessantes. As rachaduras abriam-se cada vez mais, e por muito pouco quase não engolira a água castanha. As ondas arremetiam-se contra a costa num estrondo que se misturava com os trovões.

No meio do mar, uma espécie de redemoinho começou a se formar, gerando espuma. Os raios eram incrivelmente visíveis e caíam exatamente dentro do lugar que mais parecia um buraco em alto mar.

Um rugido ecoou pelo ar, misturando-se com os outros sons. Ondas, rugido, o discurso da Valquíria, seus próprios pensamentos. Tudo girava de uma forma tão confusa que *Silenciosa* não conseguia sequer permanecer em pé corretamente. Apoiou-se no pilar mais próximo, com a visão turva.

Enxergou, saindo do furioso e mortal redemoinho, um vulto verde-enegrecido.

Gigantesco, assombroso, amedrontador.

Mais um rugido, e então um silvo.

De uma cobra, mas muito intenso, quase impossível. Balançou a cabeça, sua visão clareou. Via agora a Valquíria, de rosto ensanguentado, encarando a enorme serpente que se aproximava da costa, espalhando a água de forma tão violenta que criava ondas altas o suficiente para engolir um barco.

Avançou até sua mestra depois de se recompor. Os olhos esmeralda de Zero não saíam de Jormungandr, quase como se estivessem sendo atraídos para ela.

Tornou a olhar para a serpente. Era de um verde musgo, muito enegrecido. Seus olhos eram dourados como o ouro e brilhavam como estrelas. A maior parte de suas escamas pareciam gastas e em certas partes, era possível observar que novas escamas se formavam aos poucos, de cores mais vívidas. Sua língua era cortada ao meio, e todas as vezes que a colocava para fora, um fio de saliva gosmenta escorria de sua boca.

Jormungandr veio sibilando. Quando se aproximou o suficiente da costa, olhou para as mulheres de cima. Em seguida, cuspiu algo. Uma bola gosmenta voou da boca da serpente e atingiu com força o paredão atrás do altar, fincando-se lá: era a espada negra da *Valquíria do Infinito*.

Um trovão retumbou. Os cavalos relinchavam, empinavam e coiceavam, com medo da fera que permanecia imóvel, encarando-os com seus olhos brilhantes.

Devagar, a serpente se abaixou, com seu olho direito à altura de Zero, quem parecia um grão de areia em meio a praia. Inclinou levemente a cabeça para um lado e depois para o outro.

— Às vezes pergunto-me se teu sangue nunca acaba, *Valquíria do Infinito* — sibilou, alternando o lado em que inclinava a cabeça. Arrastava as palavras de

forma irritante. — Juro que perdi as contas de quantas vezes tu passaste por aqui num período de meio mês.

Zero encolheu os ombros.

— Creio que nem mesmo eu saiba quantas vezes passei por aqui nesse período — cruzou os braços. — Tudo seria mais fácil se não precisássemos fazer esse ritual para cada vez que precisássemos ir a *Midgard*.

— Achas que me apraz ter de vir todas as vezes aqui fora para permitir que seres repugnantes, como tu, cruzem a passagem? — ergueu-se, esticou-se e deu a volta por trás das mulheres, cercando-as. — Não, minha cara, não me apraz nem um pouco.

— Pensei que este fosse o caso — ironizou — Uma pena, realmente. Você deveria parar de dar ouvidos a Loki. O que ele poderia fazer com você? Contar uma piada até você morrer de tanto rir? — Zero referenciava ao fato do deus das travessuras obrigar a serpente a guardar os mares de *Midgard*.

Jormungandr pareceu não gostar da piada ou a simples tentativa de tal. Semicerrou os olhos e respondeu:

— Tenho uma dívida de sangue com ele e a respeito. Contudo, creio que tu não faças o mesmo — fitou Yertha. — Por exemplo, o que fazes aqui com uma guerreira de *Valhalla*? Até onde consigo me lembrar, existe uma espécie de proibição em relação a treinamentos fora dos muros sagrados de lá.

— Isso não lhe diz respeito algum, víbora — disse num tom metálico e encarou com frieza a serpente gigante. — Tudo o que você precisa fazer é abrir o Portão para podermos prosseguir em paz, nada mais. Consegue fazer isso?

— Talvez — retornou à posição inicial, observando ambas do alto. — Mas eu gosto de intrometer-me em assuntos alheios. Vamos, não fique envergonhada, conte-me como conseguiu sair com ela de *Asgard* sem Odin lhe impedir.

— Vou lhe arrancar a língua se continuar querendo saber o que faço ou deixo de fazer — levantou a mão em direção a espada cravada no paredão. Como se houvesse uma espécie de magia infundida na lâmina, ela voou até a Valquíria, que a embainhou, mas manteve a mão sobre o pomo. — Seja sensata. Não vamos brigar, não hoje, não agora, *não por um motivo tosco como esse*.

A gigantesca cobra silvou, jogou a cabeça para trás, como se fosse gargalhar e depois voltou a se abaixar à altura de Zero.

— Achas que podes me ferir quando nem mesmo Thor o conseguiu? — questionou, escárnio em sua fala. — Tua laminazinha, a mesma a qual cuspi como se fosse lixo, me faria gargalhar, valquíria.

— Quer experimentar? — agarrou o punho da espada com força, mas não a sacou.

Yertha se retesou, preparando-se para o pior. Nada aconteceu além de alguns olhares frios e inexpressivos aliados ao mais completo e tenso silêncio.

Ninguém moveu músculo algum por muito tempo, talvez até demais na concepção da ruiva. Jormungandr quebrou o silêncio com uma risadinha abafada.

— Tu tens coragem. Coragem *demais* — virou-se para o mar. — Pois bem, Zero. Abrirei o portão.

A Valquíria suspirou e largou a espada. Poderia querer realmente atacar a cobra, mas estava tão nervosa quanto Yertha. Ou talvez estivesse preparando alguma coisa?

— Vê, não foi tão difícil — esboçou um sorriso.

— Tu és irritante, sabes disso, não? — perguntou à valquíria, mas não esperou uma resposta. Balançou a cabeça algumas vezes para os lados. Seus olhos começaram a brilhar com mais força, e uma aura passou a contornar seu corpo por completo.

— Nunca me disseram tal coisa — brincou a *Valquíria do Infinito*. — Geralmente ninguém tem a chance de resmungar.

A serpente ignorou o comentário e continuou com o feitiço. Tudo começou a chacoalhar mais uma vez, algo que aparentemente a gigantesca protetora dos mares gostava de fazer.

Do fundo do mar, uma pequena ilha surgia, devagar. Grama alta continuava a crescer por entre os blocos de pedra que constituíam um pequeno caminho para o centro da ilha. Lá, dois altos pilares de pedra acinzentados se erguiam, um ao lado do outro.

Após a ilha emergir por completo, foi a vez de um caminho de terra, estreito, que ia em direção a ela. Yertha parecia perplexa com todos os acontecimentos ali e ninguém poderia culpá-la, afinal aquilo era muito novo e surreal para ela.

Olhou para a ilha, em seguida para Zero.

— O Portão fica ali? — perguntou, apontando para os pilares. — Não há nada ali além dos pilares e mato.

— Ora, ora. Tua escrava sabe falar — Jormungandr sibilou. A aura ao seu redor ficava mais intensa. — Por um momento pensei que fosse muda, ou pela hipótese mais plausível, que tu havias lhe cortado a língua.

— Pelo visto todos acham que sou um monstro. Ninguém sequer cogita que ela pode ser apenas quieta — revirou os olhos.

— Tua reputação não nos permite que tenhamos tais pensamentos puros e amigáveis, valquíria — disse, seguindo em direção ao mar. — Agora que a passagem está aberta, vá embora e deixe-me em paz.

— Acalme-se. Tenho mais outro assunto para discutir com você — berrou para que a serpente ouvisse. Em seguida, meteu a mão dentro do peitoral da armadura e retirou a moeda de cobre dada a ela por Heimdall. — O Vigilante de *Asgard* me deu esta moeda, disse para que eu a mostrasse para você. Segundo ele, tal objeto tem o poder de chamar as Damas das Ondas.

Jormungandr voltou-se para a Valquíria, com os olhos semicerrados, entediada. Ou quem sabe estava de saco cheio com a situação como um todo.

— Tu não podes simplesmente seguir o portal como sempre fazes, e assim acabar com tudo isso? Seria algo maravilhoso, acredite — Zero não respondeu. Ficou apenas encarando a víbora, quem continuou o discurso. — Certo, te direi o que deves fazer — foi até a ilha e apontou com o olhar para os pilares. — Quando o portal abrir, arremesse a moeda para dentro. É simples assim.

Virou-se de costas e fitou Yertha.

— Vamos *Silenciosa*, temos muito o que fazer.

— Sim — seguiu a Valquíria, mas somente depois de dar uma última olhadela na enorme protetora de *Midgard*, a qual retornava lentamente para o fundo do mar.

Os tremores já haviam passado. E quando Jormungandr se foi, os cavalos pararam de bufar e relinchar feito loucos. As ondas ainda continuavam violentas, quebrando-se na costa com ímpeto. A chuva permanecia caindo com força, trovões estrondeando à distância.

Enquanto desciam o penhasco em direção à praia, Yertha resolveu matar sua curiosidade:

— Ela é sempre daquele jeito, sabe, mal-humorado?

— Noventa e nove por cento das vezes. Apenas quando ela ouviu alguma história muito interessante é que ela age de forma amigável — respondeu. Atravesavam o caminho de terra estreito em direção à ilha.

— E como esse tal Portão funciona? Você usa algum tipo de magia maluca para abri-lo? — continuava suas perguntas. Zero não perdeu mais seu tempo dando respostas, passando a ignorar a pobre mulher.

Chegando em frente aos pilares de pedra no centro da ilha, a Valquíria suspirou, levantou os braços e depois os direcionou para frente.

Subitamente uma parede negra, como se fosse um buraco sem fim apareceu entre os pilares. Azul e verde contornavam o portal, transformando-o em algo belo de se ver.

— Agora, a moeda — a Valquíria arremessou o objeto de cobre no mais completo breu. Percebeu que o contorno do portal mudou de cor, tornando-se vermelho. — Parece que funcionou.

— Geralmente a cor vermelha não é muito amigável — murmurou Yertha. — Mas se foi o senhor Heimdall que nos deu a moeda, creio que não há o que temer.

— Também espero, mulher — assentiu. — Também espero...

A escuridão infindável em que estavam quando entraram no portal sumiu, dando lugar a próxima paisagem.

Não havia vento, nem era possível ver o sol, ou a lua. O céu estava nu e amarelo. A única coisa existente ali era um extenso lago, com suas águas tão paradas que talvez fosse possível andar sobre sua superfície.

Zero avançou, a ruiva a seguia logo atrás. Não sabia onde estavam, afinal aquele lugar não remetia a nenhum outro o qual a Valquíria tenha viajado.

Caminharam mais um pouco em direção ao lago, mas agora, perceberam uma mulher sentada sobre a superfície. Cantarolava numa melodia suave e agradável, aconchegante.

Percorreram a margem do lago, observando atentamente a mulher, que nada mais fazia além de olhar para o amarelo céu, sem dar a mínima atenção para as visitantes.

Zero procurava um caminho que levasse até a cantora, contudo, após piscar por um momento, uma nova figura apareceu no lago. E então mais outra. E outra. Foi assim até completar nove, todas cantarolando uma canção diferente, nenhuma identificada pela Valquíria e parecia que nem mesmo Yertha sabia.

A cantoria não parou. O que era suave e agradável aos ouvidos logo se transformou em algo irritante. Indignada com o que acontecia, Zero resolveu entrar no lago, indo de encontro com as mulheres.

Não conseguiu.

Como uma espécie de força sobrenatural, o lago a empurrou para fora. Tentou mais um par de vezes, mas não funcionou. Quando fitou as mulheres, viu que riam dela. Mordeu os lábios, raivosa. Suspirou. Acalmou-se. Só então falou:

— Suponho que sejam as Damas das Ondas. Muito engraçada a brincadeira do lago — disse, num tom não muito amigável. — Entretanto, não sou muito de fazer brincadeiras e também não me deleita quando brincam comigo.

— Eu sei. Você é a *Valquíria do Infinito*, não é? — manifestou-se uma das mulheres. Seus cabelos negros caíam-lhe até o pescoço, lisos. Vestia, assim como as outras, apenas uma túnica quase transparente. — Todos têm medo de você. Inclusive nós.

Zero encarou as demais mulheres antes de voltar seu olhar a quem lhe respondeu.

— Não estão fazendo nada além de suas obrigações. Costumo dizer que todos deveriam ter medo de mim, para o próprio bem — disse. — Preciso de informações sobre os Filhos da Névoa.

— Aqueles malucos de *Niflheim*? — questionou a morena. — Não nos relacionamos com eles para evitar assuntos sobre a guerra. Nossas vidas são boas em nosso próprio lugar, sem o conflito nos danificando.

— Eles não participam da guerra, assim como vocês — retrucou a Valquíria, séria. — Não me venha com esse tipo de desculpa. Preciso que me diga como atravesso a barreira nos Vales.

— Antes de qualquer coisa, como chegou aqui?

— Seu filho, Heimdall, entregou-me a chave para o portal. Agora...

— Obviamente. Tinha que ser ele — resmungou outra mulher, de cabelos azuis claros, interrompendo a Valquíria. Uma veia pareceu saltar na testa de Zero, contudo conseguiu manter a calma mais uma vez. — Sempre tivemos problema para educá-lo. Será que ele não percebe que é uma extrema falta de educação convidar alguém para um lugar que não é seu?

— Eu não estou aqui para discutir etiqueta, educação ou qualquer coisa do gênero — encarou a mulher de cabelos azulados, como se indagasse pelo nome dela. Respondeu com o nome Hevring. — Vocês têm a informação que eu preciso, e irão me dar.

Uðr levantou uma sobrancelha, achando graça da suposta tentativa de ameaça. Suas irmãs se entreolhavam, soltando risadinhas algumas vezes.

— Ora, ora. Parece que chegamos ao típico momento em que alguém se utiliza de ameaças aleatórias para extorquir a informação de almas indefesas — começou a outra Dama, chamada Dröfn, cruzando as pernas como se fosse meditar. — Então, para seguir o curso normal dessa conversação, farei a pergunta: e se eu não quiser dar a você a informação que deseja?

A Valquíria não respondeu. Sabia que não precisava, pois conseguia ver no fundo dos olhos daquelas mulheres, o medo de contrariá-la. Ela tinha certeza que não acabariam com seu “lar especial da paz” apenas por uma informação que de nada as serviriam.

Então esperou, com seus olhos esmeralda perfurando-as como lanças. Dröfn parecia crer que Zero ainda responderia, o que acabou fazendo com que o silêncio perdurasse mais do que o necessário.

Quando percebeu que não receberia resposta alguma, a Dama das Ondas retomou o discurso:

— Certo. Farás o tratamento do silêncio, entendo. Tudo bem valquíria, você vai ter a informação — a dama deu um tapa na superfície do lago, estremecendo-o por completo. Uma imagem começou a se formar. — Os Filhos da Névoa são

magos poderosos. Na verdade, são praticamente os últimos magos humanos do cosmo. Então não ache que atravessar a barreira mágica deles será algo simples.

A imagem dos Vales aparecia com clareza no lago. Também mostrava a suposta barreira de pura energia mágica que cercava todo o local, criando a famosa e espessa névoa do local. Zero observava com atenção a projeção, enquanto Yertha encarava as damas uma de cada vez, sempre com a mão no pomo da espada.

— A dificuldade não importa — confirmou num tom seco. — Tudo que preciso é a forma de entrar.

— A chave para derrubar a barreira não está nos magos em si, mas sim no monstro que reside naquela região — apontou para uma espécie de sombra animalésca no meio da névoa. — O dragão de gelo, devorador das raízes de *Yggdrasil*.

— *Nidhogg* — completou Zero. — Apenas me responda como que conseguiram levá-lo para os Vales? O *Niflungar*?

— Exatamente. O anel controla tudo no mundo de gelo, incluindo o famigerado monstro — alisou o lago, fazendo com que novas imagens dos Vales aparecessem. Agora, estátuas das Damas das Ondas apareciam, rodeadas de velas e com fanáticos venerando-as. — Depois de derrotar o dragão, você precisará adentrar no santuário, acender as velas para cada estátua e proferir os votos de cada uma delas. Só assim será possível abrir a câmara onde o anel é guardado.

Velas e votos, refletiu a Valquíria. Odiava esse tipo de coisa. Venerava os deuses até o dia em que percebeu o quão idiota parecia o fazendo. Assim nunca mais idolatrou algo ou alguém. Mas agora se via numa situação onde precisaria agir contra seus princípios e fazer algo que provavelmente não sabia mais.

Fitou a ruiva que mantinha uma concentração férrea. *Talvez ela saiba, mesmo não sendo muito devota*. Contudo, esse pensamento também trazia à tona um outro: *Devo realmente apostar minhas chances numa mulher que nem ao menos confia em mim?*

Percebendo que Zero a encarava, Silenciosa a fitou de volta; no entanto, nada disse.

Zero ficou pensativa por muito tempo. As Damas das Ondas respeitaram o silêncio, permanecendo na mesma posição, aparentemente meditando. Yertha olhou para a projeção.

— Quais são os votos? — Questionou séria, voltando seu olhar para Dröfn. — Creio que sejam palavras, idolatrias secretas passadas de geração a geração pelos membros dessa seita.

— São longos e difíceis de memorizar. Contudo, são todos guardados em uma espécie de templo, a leste das estátuas — disse Blóðughadda, alisando a superfície do lago. A imagem mudou, dessa vez materializando uma construção de pedra, alta e esguia, provavelmente o templo. — São nove textos, remetendo a cada uma de nós.

— Imaginava algo mais elaborado vindo de magos — a Valquíria comentou.

— Eles não precisam de complexidade. Tudo que eles afirmam precisar é da própria fé.

— Parecem como os humanos de Midgard — pigarreou. — Sempre tolos.

Yertha vestiu uma expressão de desgosto ao comentário da Valquíria. Apesar de não gostar tanto quanto ela do fato de as pessoas depositarem tanta esperança em algo que nem sequer lhes ajuda substancialmente, Silenciosa não gostava quando Zero tratava com indiferença sua raça, ainda mais sabendo agora que ela já fora uma humana.

A Valquíria do Infinito retomou:

— Além disso, ainda não consegui entender a relação que vocês possam ter com o anel ou com os Filhos da Névoa. Todas vocês são apenas filhas de Aegir, controlam as ondas e antigamente faziam bebidas.

Uðr se levantou após desfazer as imagens do lago. Parecia assustada com a pergunta, ao mesmo tempo em que aparentava estar incomodada com a presença das mulheres.

— Você descobrirá tudo naquele templo se quiser, mas não terá mais nenhuma informação nossa.

— Algum motivo em especial para tamanha demonstração de medo? — Zero esboçou um sorriso. — O que vocês escondem, Damas?

— Não lhe devemos nada, mulher — Kólga, uma dama de cabelos loiros, tão compridos que repousavam sobre as águas. — Você está em nosso território, não foi convidada, e ainda exige por respostas?

A loira possuía uma expressão dura, seus olhos vermelhos rubi esmagavam a Valquíria com uma pressão descomunal. Uma aura parecia emanar de Kólga, que se levantava aos poucos.

— Creio que você tenha ouvido Uðr, não? — seus cabelos começaram a flutuar, como tentáculos possuídos por uma entidade assombrosa. Zero sentia uma pressão ainda maior, que chegava a empurrar para trás. — Pare de ser uma pretensiosa cria de Odin e procure as respostas por si.

Silenciosa, preocupada com a situação, agarrou firme a espada, mas antes que pudesse desembainhá-la, a Valquíria do Infinito a impediu.

— Que seja, arrancarei a verdade dos seus fanáticos — deu de ombros, penetrando friamente as Damas com seus olhos esmeralda. — E então voltarei até aqui quando descobrir o que tanto escondem de todos.

O que ela está fazendo? Pensei que ela não fugiria de uma luta, se perguntou Yertha, engolindo a seco. Sentia-se confusa, e incrivelmente surpresa ao perceber um certo receio por parte de Zero em enfrentar as Damas das Ondas.

— Cale-se e suma de nosso território, valquíria. Não há mais nada para você por aqui.

Com pouco esforço, cada Dama fez um gesto diferente com as mãos. Após proferirem algumas palavras irreconhecíveis pelas “convidadas”, tudo se apagou.

Zero não sentia nada, não ouvia nada.

Quando se deu conta, estava sobre um monte. Flocos de neve caíam lentamente, pintando o mundo de branco. E ao leste dali, apenas gelo e morte.

A SENHORA DO FIM DO MUNDO

FICHA TÉCNICA

Roteiro | DIOGO ZIMMERMANN

Ilustrações | GULZRUS

Revisão | GUSTAVO SIMAS

Upload | NOVELAND

CONFIRA OUTRO DOS NOSSOS TÍTULOS



Owen e Ellenia são integrantes da Legião de Mahyra, a maior e mais temida força armada da República do Rio, um pequeno país recém-emanipado no sudeste da Aliança Sul-americana.

Certo dia, eles recebem um pedido de socorro vindo de uma metrópole ao sul chamada Jothenville. Aparentemente, incontáveis onças-pintadas haviam dominado a cidade, mantendo todos os habitantes como reféns, e, claro, impedindo a chegada de alimentos. No entanto, o que realmente chamou a atenção dos dois foi o fato de haver uma misteriosa pessoa encapuzada controlando os animais selvagens.

A fim de evitar uma catástrofe, os soldados atravessam o país com a intenção de salvar Jothenville sem sequer imaginarem que havia uma poderosa inimiga manipulando toda aquela situação por detrás das cortinas. Mais do que nunca, Owen e Ellenia precisam confiar cegamente na poderosa ligação que os unem para vencer mais uma batalha nessa era abraçada pelas trevas e a ameaça de uma nova grande guerra.

Autor(a): Anderson William

Ilustração: Anderson William

Gêneros: Horror, Romance, Mistério, Shounen



Facebook.com/novelandBR



@NovelandOficial



noveland.com.br

